

APRESENTAÇÃO

Se na tradição literária o interesse pelo romance consistia em investigar a experiência individual em toda a sua complexidade, essa certeza de poder conhecer a verdade sobre o sujeito começou a ser desestabilizada pelos questionamentos de Nietzsche, pelo advento da Psicanálise, do marxismo, da desconstrução derridiana, dos estudos sobre a loucura e a sexualidade de Foucault e tantos outros. O cogito cartesiano, que se exprimia sob a forma de um sujeito racional, unificado e soberano, foi abalado. A crise da representação nas diversas formas de expressão artística, que começou no final do século XIX, continuou e teve desdobramentos variados tanto nas Ciências Humanas quanto nas Artes.

A virada do século XX para o XXI testemunhou as transformações do romance com a incorporação cada vez maior de conteúdos referenciais sobre o próprio autor, o que ocasionou o surgimento de gêneros híbridos como a autoficção. Assim, percebe-se uma forte exposição do *eu* que escreve e, por outro lado, o interesse crescente demonstrado pelos leitores. Na televisão e na internet, mas também em festas literárias, busca-se avidamente saber a intimidade de autores e figuras públicas através de recursos e estratégias midiáticas que transformam vidas cotidianas e banais em espetáculo.

Verifica-se, assim, em nossos dias, um verdadeiro *boom* de narrativas memorialísticas, confessionais, testemunhais e performáticas que expressam as tensões da subjetividade contemporânea. As chamadas “escritas de si”, que utilizam os procedimentos narrativos do romance, parecem interessar mais os leitores do que a ficção pura porque oferecem uma verdade sobre a vida real, ainda que essa verdade seja muito mais ficcional do que referencial. Com a proliferação dos subgêneros, os críticos têm hoje grande dificuldade em classificar as obras tal é a diversidade.

Este número da revista *Matraga* apresenta uma amostragem de enfoques sobre as “escritas de si” e as muitas possibilidades criadas pela literatura para expressão da subjetividade contemporânea e seus impasses. Em meio à riqueza e variedade de abordagens possíveis, destaca-se o aprofundamento da problematização da noção de referência e a diluição de fronteiras antes bem marcadas entre autobiografia, romance e biografia.

O debate crítico aqui presente forma um panorama dos aspectos teóricos e estéticos transgressores dos conhecidos pactos, ficcionais ou

biográficos, ressignificando os gêneros e as diferentes modalidades das escritas de si, como diários, entrevistas, cartas e autorretratos.

O crítico Robert Dion por meio de um corpus biográfico composto por obras de Christopher Ransmayr, Eric Koch, Victor-Lévy Beaulieu e Pierre Mertens, entre outros, apresenta a noção de transposição como via de acesso às configurações biográficas contemporâneas, enquanto a relação entre ficção e autobiografia é discutida por Adriano Schwartz tendo como base obras escolhidas de Philip Roth, com destaque para os livros *O avesso da vida*, romance de 1986 e *Os fatos*, texto “autobiográfico” publicado em 1988.

Françoise Simonet-Tenant critica a polarização que se criou em torno dos conceitos autobiografia e autoficção para discutir o que se caracterizaria como espaço biográfico, conceito criado por Philippe Lejeune, e que seria muito mais produtivo do que as querelas provocadas pelos defensores da autoficção.

Evando Nascimento traça um histórico sobre os estudos da autoficção no Brasil e como esse conceito o afetou em sua própria criação literária. Ele considera a autoficção como um dispositivo ou categoria reflexiva; todavia, prefere falar de alterficção já que o sujeito só se conhece através do outro.

Olga Kempinska examina as ambivalências específicas do diário, forma de escrita que a ensaísta compreende como laboratório de subjetividade. Debruçando-se sobre os diários do escritor emigrante Witold Gombrowicz (1904-1969), Olga analisa o espaço de “encenação do eu” e seus vários desdobramentos que permitem a exploração crítica e a autocrítica.

A encenação autoral também é tema para reflexão no ensaio de Daniel Teixeira, a partir do estudo da obra de Louis-Ferdinand Céline (1894-1961) no âmbito do espaço público de entrevistas. O crítico pontua que a *persona* do autor, presente nas obras, parece determinar o comportamento do escritor enquanto instância social.

Laura Barbosa enfoca as chamadas narrativas de filiação, como manifestações contemporâneas do gênero autobiográfico a partir da perspectiva da inserção do trauma, na obra *Mort d'un silence* [Morte de um silêncio] (2003), narrativa na qual a escritora e crítica literária francesa, Clémence Boulouque, evoca a morte trágica de seu pai.

O autorretrato como modalidade das escritas de si está presente nesse conjunto aqui oferecido com as reflexões de Luciano Moraes. A

partir dos estudos de textos autobiográficos do pintor e escritor de origem brasileira radicado no Quebec, Sergio Kokis, o artigo aponta o autorretrato literário como estratégia para a revisão da escrita romanesca e a própria experiência de Kokis como leitor e pintor.

Nesse número que apresenta a relação da escrita e da subjetividade é extremamente produtivo o exercício ficcional do ensaio “Alguns Rodrigues”, quando Rodrigo Barbosa expõe seus relatos de viagem na direção da autoficcionalização.

A riqueza das discussões sobre as diferentes abordagens das escritas de si torna evidente a diversidade de modelos, vozes e formas que as caracterizam. A seleção aqui apresentada servirá, sem dúvida, de estímulo ao leitor para conhecer as densas e intrincadas articulações entre o vivido e o narrado, entre estético e ético, entre arte e vida.

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo
Eurídice Figueiredo